

IPEA prevê crescimento menor do PIB neste ano

por Cláudia Safatle
de Brasília

Este ano de 1985 não deverá ser premiado por maior impulso da recuperação econômica. Segundo técnicos do IPEA, órgão da Seplan, o crescimento do Produto Interno Bruto neste ano será menor que os 4% estimados para o ano passado, por duas razões: a perda de fôlego do setor externo e a manutenção da rigidez na política monetária.

"Em 1985 a economia estará circunscrita por dois fatores: o grande motor da retomada de 1984, que foram as exportações brasileiras, terá um desempenho bem mais modesto. Além do mais, ainda estaremos sob a égide do acordo com o Fundo Monetário Internacional, que prevê uma expansão da moeda de 60%", observou uma fonte qualificada da Seplan a este jornal, para evidenciar que a euforia de retomada do crescimento não se prolongará pelo primeiro ano de gestão do novo governo. A menos que este adote uma política de recuperação da demanda interna — "mas, ai, estará amarrado pelo acordo com o Fundo". O grande desafio do futuro governo, portanto, "será descobrir uma forma engenhosa de crescer", acentua Raul Velloso, coordenador do planejamento do IPEA.

Ele lembra que os efeitos do excelente desempenho do setor externo em 1984 ainda se prolongarão pelo primeiro semestre deste ano e a perda de velocidade da recuperação econômica somente viria a mostrar si-

nais mais concretos a partir do meio do ano para frente. Mas a equipe econômica de Tancredo Neves — virtual presidente — poderá ser ajudada por uma redução dos índices de inflação também no segundo semestre, compensando, de certa forma, falta de vigor das exportações brasileiras, cuja previsão é de um acréscimo bastante moderado, na faixa de 6% neste ano.

Na avaliação de técnicos do governo, não foi a gorda emissão de moeda que levou a base monetária a um "estouro" em 1984, expandindo 247,9% (cifra superior à taxa de inflação acumulada no ano), o fator propulsor da retomada do crescimento. A política monetária pouco austera apenas funcionou como um instrumento de "acomodação" do impulso da atividade econômica dado pela demanda externa, na medida em que não pôs freios no crescimento. Portanto, a tese de alguns economistas, de que o processo de recuperação da economia estaria com seus dias contados pelo retorno da austeridade monetária, não procederia, na versão oficial, embora o cerne da questão — a possibilidade de um comportamento da atividade econômica bem mais moderado neste ano — seja o resultado final das expectativas tanto oficiais quanto acadêmicas.

No Brasil, argumentam economistas do governo, "a moeda é mais passiva que ativa". Ou seja, ela, por si só, não viabiliza crescimento econômico.